

Cardoso, Fernando H.
023
Reportagem 0109

Internacional

Fernando Henrique busca liderança mundial

■ Presidente, que adora exercer o charme na diplomacia, vai à assembléia das Nações Unidas defender reformas na organização

AFP — 18/4/1995

MARCIA CARMO
Correspondente

BUENOS AIRES — Um alerta para o rombo de US\$ 3,5 bilhões nas



finanças da Organização das Nações Unidas (ONU) e a necessidade urgente de reformas na instituição vão ser os temas do discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso durante as comemorações do cinquentenário da ONU. Nos cinco minutos destinados a cada orador, ele falará de assuntos que interessam a todos e não apenas ao Brasil, um dos 185 filiados da organização. Fernando Henrique quer repetir a fórmula que usou, semana passada, na 5ª Conferência de Cúpula Ibero-Americana, quando se firmou como porta-voz da América Latina, chamando a atenção para problemas de desemprego e de educação na região.

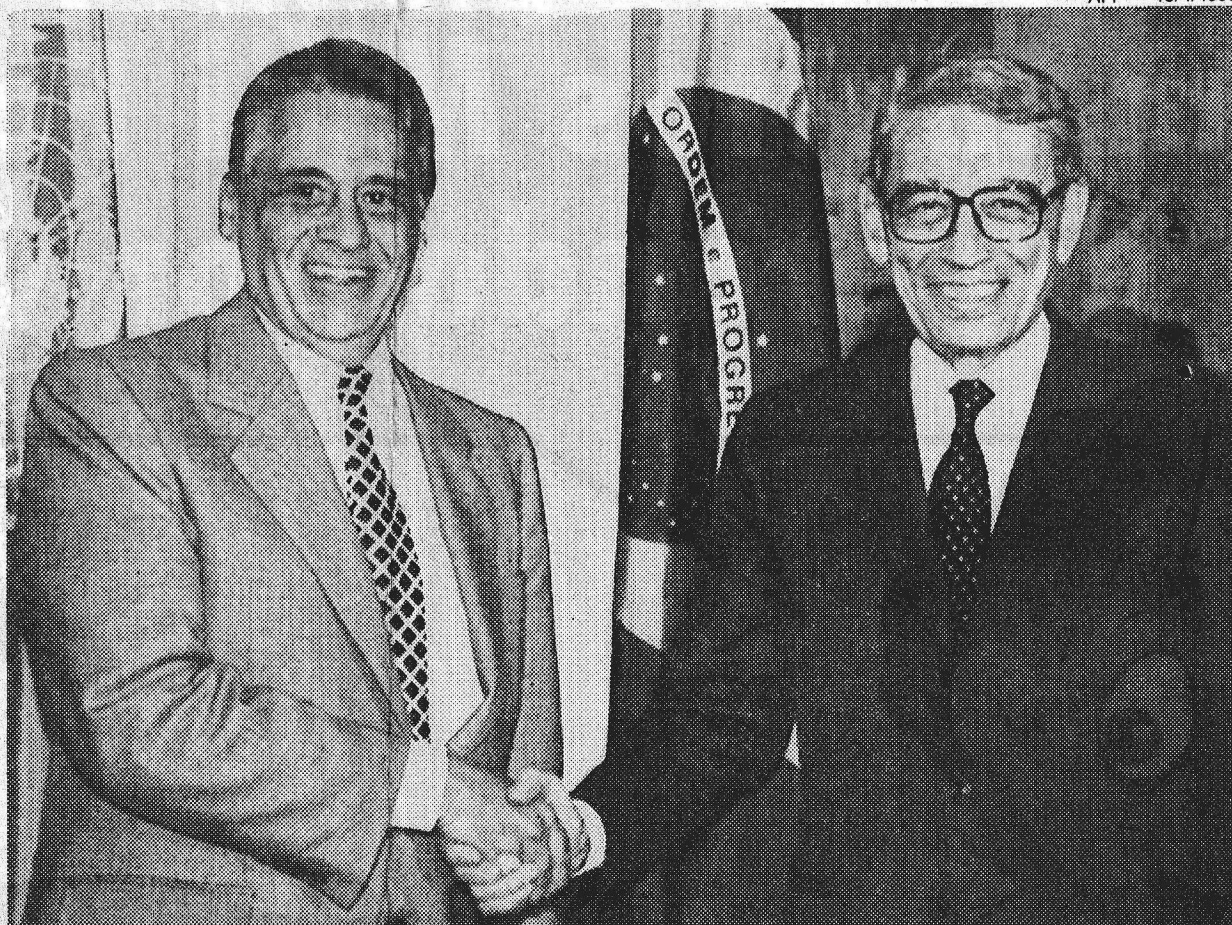
Lista — O presidente planeja deixar o governo, no mínimo, como um líder mundial. Nestes três dias em Nova Iorque, por exemplo, não terá tempo para atender ao pedido de audiência de 30 chefes de Estado e de Governo. Vinte receberam uma negativa cuidadosa, depois que o presidente e o chanceler Luiz Felipe Lampreia fizeram uma lista, selecionando os países mais importantes para as questões bilaterais. Mas nem assessores do presidente, nem Lampreia e nem o embaixador do Brasil junto à ONU, Celso Amorim, revelam os nomes dos que ficaram de fora.

Figura acadêmica reconhecida no exterior, Fernando Henrique vem atraindo todo tipo de aproxi-

mação. Cenas de glamour e da realidade crua fazem parte deste mundo de presidentes nos grandes encontros mundiais. Na sexta-feira à noite, os diplomatas ainda estavam às voltas com duas palavras da declaração final que não agradaram a alguns países e precisavam ser substituídas em cima da hora da abertura da sessão na ONU, com a previsão de reunir mais de 140 chefes de Estado e de Governo.

Ciúmes, sorrisos e gentilezas compõem os momentos em que eles encontram seus pares. É um jogo de charme e sedução que, normalmente, resulta em grandes negócios. Na Ibero-Americana, por exemplo, Fernando Henrique disse a Ernesto Zedillo, do México, que não gostou da posição de seu país contra o Brasil nos debates da Organização Mundial do Comércio (OMC). “Esta decisão não afeta o México. E espero contar com sua solidariedade”, disse o presidente brasileiro ao mexicano. Estas conversas a sós servem também para acertar pontos e superar a burocracia, nos intervalos das conferências.

Viagem — “Nós te conhecemos e a tua biografia é o que importa”, elogiou Fidel Castro, de Cuba, ao se despedir de um encontro a portas fechadas com Fernando Henrique, em Bariloche. O presidente brasileiro apoiou o fim do embargo a Cuba, mas defendeu, como disse a Fidel, a democratização num dos últimos territórios comunistas no mundo. Mas, afinal, qual é o charme de Fernando Henrique? Nas viagens internacionais, observa um diplomata, ele deixa a impressão de que se sente em ca-



Fernando Henrique (com o secretário-geral da ONU, Boutros Ghali) se sente à vontade na política externa

sa. E, claro, não deixa de lado suas gracinhas.

“Fujimori, esse é o meu Fujimori do Planalto”, brincou ao apresentar um dos seus ajudantes de ordens, filho de japoneses, ao verdadeiro Fujimori, durante sua posse, este ano. “Ele é peruano?”, ainda se interessou o presidente do Peru. Fernando Henrique apenas riu. Num almoço na 5ª Conferência de Cúpula Ibero-Americana, em Bariloche, ao perceber que o anfitrião, Carlos Menem, fez um brinde apenas ao rei Juan Carlos, da Espanha, deixando de lado Portugal, ele amenizou o cli-

ma, saindo-se com esta, em português: “Um brinde ao presidente (Mário) Soares, um coroador”. Soares ficou feliz da vida e a gafe foi disfarçada.

“O mundo é a sua província”, exagera um embaixador ao definir a desenvoltura do presidente, um ex-chanceler, ex-ministro e ex-senador, durante as viagens como chefe de Estado. “Hoje, o presidente é referência obrigatória no cenário internacional”, analisa o chanceler Lampreia. Nesta viagem aos Estados Unidos, ele atenderá pedidos de audiência dos presidentes Bill Clin-

ton — o anfitrião do encontro que na viagem oficial de Cardoso ao seu país, em abril, disse que tinha *rolado* uma química entre os dois. Fernando Henrique ainda receberá Jacques Chirac, da França, e Boris Yeltsin, presidente da Federação Russa, entre outros, incluindo líderes de Suécia, Cingapura, Irlanda, Venezuela e Polônia. Tanto assédio vem gerando ciúmes, especialmente nos vizinhos na América Latina.

Brinde — Carlos Menem quase fez *bico* quando percebeu quem eram as estrelas da sua festa em Bariloche: Fidel Castro, de

Cuba, e Fernando Henrique, do Brasil. Mas será brindado com uma visita de Fernando Henrique, no próximo mês, para outro grande encontro, o G-15, que reúne os países em desenvolvimento. E, para março, acertaram que Fernando Henrique estará de volta a Buenos Aires. “Fernando, nós terminamos esta conversa concluindo que não temos problemas”, disse Menem depois de quase duas horas falando com o brasileiro sobre questões que poderiam irritar as relações bilaterais, como as cotas automobilísticas. “O que está acontecendo no Brasil é uma imensa revolução”, analisou o embaixador americano em Brasília, Melvin Levnski, durante um almoço, sexta-feira, no Itamarati.

O homem que está sendo tão disputado comete falhas de guarda-roupa. Na conferência Ibero-Americana, em Bariloche, em plena Patagônia, o *presidente-chanceler* esqueceu de levar um sobretudo. Mas, com seu jeito, Fernando Henrique saiu de lá agasalhado depois de se queixar dos ventos na Cordilheira dos Andes e da temperatura em torno de zero grau. Ele — que já tinha ganho meias para substituir uma furada e um terno novo por reclamar da carência dos seus —, foi para um jantar com um sobretudo cinza de lã do chefe do cerimonial do Palácio do Planalto, Walter Peçly. “Sarney, este aqui eu já incorporei”, disse, sorridente ao presidente do Congresso que integrava a comitiva. Mas, garante Peçly que, ao desembarcar em Brasília, o presidente devolveu a *prenda*. “Cada um relaxa como pode. Uns levam a vida sorrindo e outros elegem sua terapia ideal”, avalia um diplomata.